

liávamos que o sindicato era inoperante, não atuava, não tinha um perfil claro. Na época, o presidente era o Paulino Floriano. Só para se ter uma idéia, os boletins do sindicato eram distribuídos uma vez por mês ou de dois em dois meses, dentro da sacola de lanche. Os diretores do sindicato sequer tinham coragem nem de ir à portaria entregar um panfleto. A partir destas discussões, entendi que meu negócio não era fabricar aço, mas lutar para melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Eu trabalhava de turno como supervisor de Planejamento e Controle de Produção de Aciarias e meus colegas – vários também eram supervisores – me incentivaram, defendendo que deveríamos ter um sindicato mais dinâmico, mais atuante. Então, criamos um grupo de pessoas históricas dentro da Usiminas, como o Ivo Oliveira, o Jairo Abreu, Edson Correia, Manoel Torres, e várias outras pessoas.

A partir daí, começamos a discutir a situação do sindicato, aprofundamos estas discussões, participei do I Congresso das Classes Trabalhadoras (CONCLAT), o primeiro congresso pós-revolução, que aconteceu em Praia Grande (SP), em 1983. Nesta época conheci o Lula, o Joaquinzão, o Paulo Paim e várias lideranças sindicais. Então, comecei a estudar o movimento sindical brasileiro. Na minha primeira candidatura fui perseguido muitas vezes, mas não levo isso em consideração porque faz parte do jogo. Fui proibido de muitas coisas na Usina quando descobriram que eu tinha a intenção de entrar para o sindicato. Me acusavam de ser ligado ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Em 1985 participei da primeira eleição, que foi uma disputa basicamente ideológica, com seis concorrentes. Duas chapas que se colocavam no campo da oposição, a minha e a do ex-prefeito Chico Ferramenta; e quatro outras cha-



**Luiz Carlos conduz assembléia com trabalhadores de empreiteiras**

pas formadas pela Usiminas e pelo Sindicato. No primeiro turno, Chico obteve 33% dos votos e eu 27%. No segundo turno obtive 63% dos votos e Chico manteve os 33% dos votos. Aí fui eleito para meu primeiro mandato. Era uma época

O Sindicato nestes 40 anos foi o ponto de equilíbrio do desenvolvimento da cidade de Ipatinga. Foi o ponto de equilíbrio do crescimento da Usiminas, uma empresa que trouxe o desenvolvimento para todo o Vale do Aço, mantendo salários no mesmo nível ou um pouco melhor que o resto do Brasil

conturbada. O Tancredo Neves (o primeiro presidente civil eleito no Colégio Eleitoral) tinha morrido. Estávamos ainda sob a proteção do véu da liberdade, a liberdade que o povo tinha construído saindo às ruas para exigir eleições diretas já.

Meu primeiro mandato foi conturbado, num momento em que a empresa também teve posições radicais. Houve demissões. E o Sindicato ficou fraco, em função dos radicalismos, tanto de um lado como do outro. A partir do segundo mandato, o Sindicato começou a se fortalecer, começamos a ter mais experiência, e o Sindipa tomou um novo rumo.

Nós temos pregado à vida inteira que o caminho é o do entendimento e do diálogo, o que não significa a submissão. Vimos trilhando este caminho e hoje podemos ver um sindicato que é modelo, que ajudou a construir e a desenvolver a cidade, que tem dado exemplos para o resto do Brasil.

PERGUNTA - Qual a diferença entre o Sindipa e outros sindicatos de metalúrgicos do País?

LUIZ CARLOS MIRANDA – Cada um tem um conceito, está numa região diferente, com uma cultura diferente.